

**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

**LITERATURA E HISTÓRIA: AS MEMÓRIAS DA GUERRA CIVIL
MOÇAMBICANA NOS ROMANCES DE MIA COUTO.**

Josilene Silva Campos

josiueg@yahoo.com.br

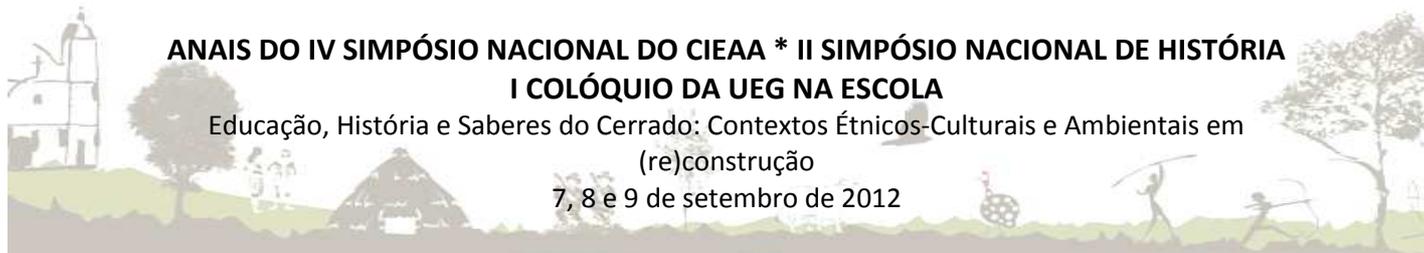
RESUMO

A guerra civil atingiu Moçambique por 16 anos e deixou mais de um milhão de mortos. O impacto do confronto bélico gerou um silenciamento a respeito dos fatos acontecidos. Essa ausência de discussões sobre o ocorrido está relacionada à memória da nação e à “vigilância” da história nacional. O presente estudo tem como objetivo refletir sobre a literatura produzida sobre a guerra civil moçambicana, por entender que esta é uma forma de resistência social e de memória essas narrativas são pensadas como monumentos às memórias individuais e coletivas. Os romances de Mia Couto que serão utilizados nesta análise são respectivamente: *Terra Sonâmbula*, *A Varanda do Frangipani*, e *O Último Voo do Flamingo*.

PALAVRAS-CHAVE: História; Literatura; Moçambique; Guerra; Mia Couto.

A guerra civil que assolou Moçambique entre os anos de 1976 e 1992, é um evento relativamente recente, mas que ainda mexe com a sensibilidade da população. Os números relativos a esse episódio são factuais. O conflito terminou com um saldo de um milhão de pessoas mortas. Cerca de 3.737.000 foram deslocadas internamente para outras áreas, fugindo dos combates. Mais de 1.600.000 se refugiaram em seis países vizinhos. Além disso milhares de pessoas perderam suas casas, terras e formas de subsistência. Até hoje um grande número de indivíduos continuam perdendo suas vidas em decorrência das minas abandonadas existentes no país. A economia foi abalada gravemente em razão da destruição de partes importantes da infraestrutura e da impossibilidade de realizar a produção agrícola (base da economia), já que os conflitos se davam preponderantemente nos espaços rurais.

O impacto social do confronto bélico gerou um silenciamento a respeito do que havia ocorrido. Essa realidade não é uma particularidade de Moçambique, é comum países que passaram por grandes traumas coletivos terem dificuldade de produção de conhecimento sobre o evento, especialmente se ele for de caráter bélico civil. O alvo em uma guerra civil são os civis, os embates não são travados entre duas forças militares claramente diferenciadas,



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

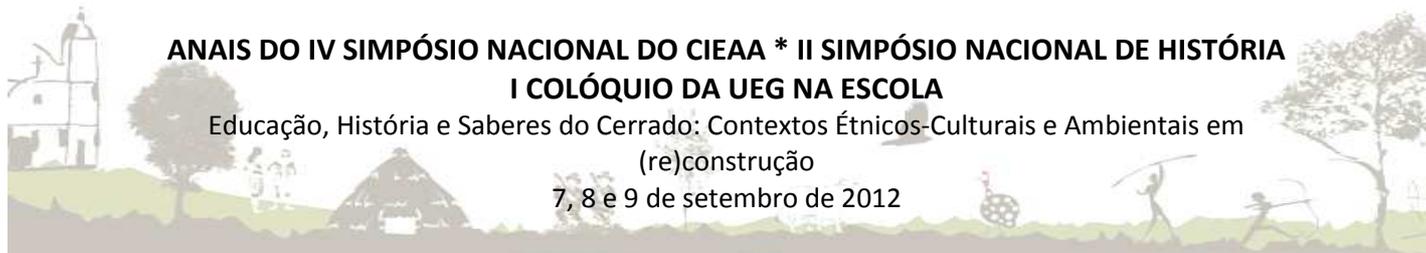
e sim entre indivíduos que muitas vezes pertencem à mesma região, mesmo grupo, mesma família.

A guerra civil, pela perspectiva da perda do humano ou da humanidade, não é tema central nas histórias oficiais. A ausência de discussões está relacionada à memória da nação e à “vigilância” da história nacional pelos “detentores do poder” da memória. O silêncio sobre esse passado é porque ele traz inconvenientes. O apagamento social da guerra é também a tentativa de apagamento da memória de guerra. Nesse momento de barbárie, as referências coletivas foram perdidas em face da lembrança da crueldade, o silêncio se impôs sobre aqueles que mais padeceram em meio à violência. “Abdicando do passado, perdendo a memória, parece-nos que abdicamos também de saber quem fomos, rejeitando a possibilidade de saber quem somos, de virmos a ser algum dia” (CARDOSO, 2004, p. 9).

A partir dessa realidade de encobrimentos, a literatura se mostra como um importante espaço de ponderação sobre a guerra civil, torna-se fonte privilegiada de acesso aos imaginários e às representações do conflito. A ficção literária se apresenta como a “consciência” do fato, o seu significado ultrapassa as categorias estéticas e os signos linguísticos, é matéria para pensar o homem, a guerra e a sociedade. A literatura se apresenta como uma forma de diálogo que possibilita o rememorar, o guardar o sentido de uma época, de um povo, é a responsável pela catarse.

Os romances tornam-se uma forma de análise do que passou, transformam-se numa outra instância da memória da nação, ao revelar e questionar certos posicionamentos hegemônicos em relação ao confronto. As narrativas lançam mão da História como matéria narrativa, a partir da necessidade de conferir-lhe novos sentidos mais adequados a realidade vivida pela população. O texto literário acaba por se posicionar diante da necessidade de se preocupar com a salvaguarda e com o mostrar da memória de um fato que fez parte da história moçambicana.

Em uma entrevista concedida a repórter Elisa Andrade Buzzo, publicada no Digestivo Cultural em 14 de setembro de 2006, Mia Couto faz a seguinte declaração, ao refletir sobre a guerra civil em Moçambique e o papel da literatura:



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

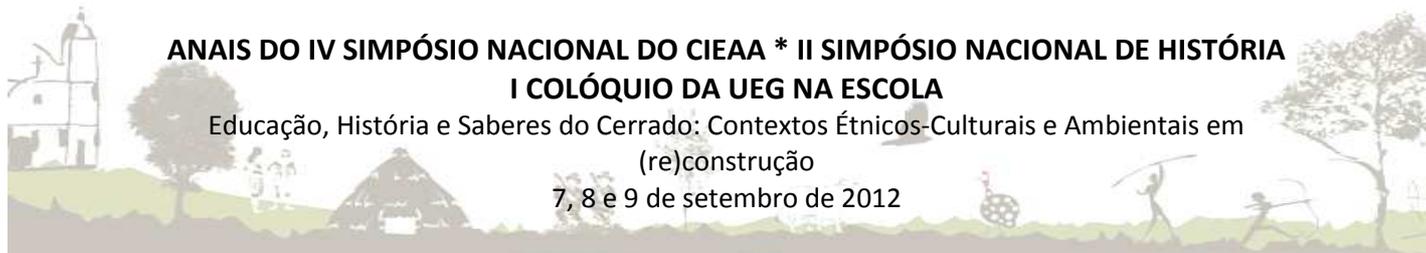
7, 8 e 9 de setembro de 2012

Uma coisa que me aflige, que me aflige muito, estes dezesseis anos de guerra, perdeu um milhão de pessoas e nós somos só dezessete milhões, portanto foi um momento sofrido um momento de luto. Nós ainda não fizemos o luto e de repente Moçambique esqueceu-se, se fores hoje a Moçambique ninguém fala do que passou. É uma esponja que passou ali, não há resquícios. E isso não é bom, isso significa que nós perdemos, que aquilo deixou de ser nosso, nós temos que ter acesso àquela memória. E os escritores podem ter aqui um outro papel ao escrever, ao abrir portas, ao fazer uma espécie de catarse sobre esse momento (COUTO, 2006b, p.4).

É importante considerarmos que nesse processo da literatura de inserção na realidade vivida, tomando muitas vezes a história como parâmetro, sua intenção não é somente a de (re) contar o fato, mas também é de projetar um porvir, um futuro, uma expectativa no pós-memória. Norberto do Vale Cardoso, em sua dissertação *Autognose e (Des)memória: Guerra colonial e Identidade Nacional e Lobo Antunes, Assis Pacheco e Manuel Alegre*, em que ele analisa a falta de memória nacional sobre as guerras de libertação em Portugal, por meio da literatura, dá-nos uma importante contribuição, que é perfeitamente aplicável à realidade de Moçambique, ao considerar que uma das atribuições dessas narrativas está em

Realizar uma autognose, ou seja, preservar a memória, contar a guerra, contar o que é indizível. Contá-lo é enfrentar os nossos próprios fantasmas, é debater uma questão que temos conosco, é superarmos um remorso que não queremos admitir, mas que existe, e que é remorso de todos nós. Porque a guerra ainda não acabou, continua a travar-se na psique nacional. (CARDOSO, 2004, p.11).

A literatura produzida sobre a guerra civil moçambicana é uma forma de resistência social e de memória. Rememorar a guerra é uma tentativa de revisitar o passado e reescrever uma história diferente da história dita oficial, história essa em que o povo não se vê refletido, não se reconhece. Narrar, contar algo está ligado ao desejo de conservar, de resguardar, de salvar o passado do esquecimento. É dentro dessa perspectiva que as obras literárias de Mia Couto foram analisadas, pensadas, como monumentos às memórias individuais e coletivas, já que elas que resgatam do esquecimento a vivência de um povo castigado pelos conflitos.



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

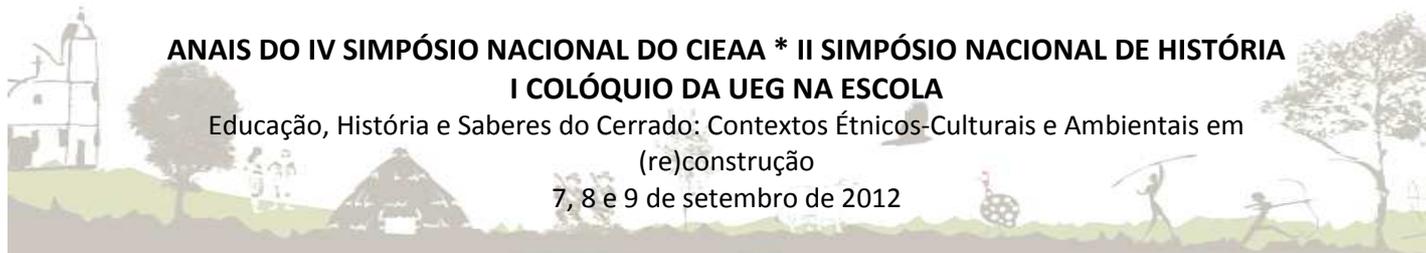
7, 8 e 9 de setembro de 2012

Os romances que serão utilizados neste estudo são respectivamente: *Terra Sonâmbula*, *A Varanda do Frangipani*, e *O Último Voo do Flamingo*. Eles foram publicados em 1992, 1996 e 1999, respectivamente, e têm como um dos fios condutores das suas narrativas as consequências da guerra civil na sociedade moçambicana. É dos escombros desse conflito que surgem as histórias de Mia Couto, é a partir do olhar do autor que se vislumbra o cenário de morte e perdas irreparáveis trazidas pela guerra. Mas também a presença da esperança, a perspectiva de uma nação unida e próspera. Esse exercício é feito por intermédio da memória, tomada como “campo móvel de significação, interpretação e experiência social de Moçambique” (MACEDO; MAQUÊA, 2007, p. 5).

Em relação aos três romances tomados como referência, Mia Couto confessa que, embora sem a intenção de instaurar um fim ou um princípio, teve a sensação de ter fechado um ciclo, uma trilogia. A respeito dessa constatação, Vera Maquêa entende que as obras

Formam um conjunto que pode ser entendido como o motivo da guerra. O sentido dos sonhos de liberdade se transforma na confrontação com a situação real que se seguiu à independência. De todo modo, esses romances, ainda que tematizem os horrores da guerra, são sobre a capacidade de sonhar e de contar, abordando criticamente a necessidade de mudar e de não repetir os erros do passado, passado esse tão recente que ainda se pode sentir o seu cheiro e encontrar suas marcas à beira de uma estrada qualquer do país. (MAQUÊA, 2007, p.50).

As críticas presentes nas obras são uma tentativa de análise dos erros, de reestruturação e de ressignificação das identidades “sacudidas” pelas guerras. A memória, ao retornar no tempo, resgata os murmúrios, os sopros que restam de uma vivência. Antes do silêncio se impor, tenta-se resgatar as vozes que estão à beira de extinguirem, prima-se, portanto, para o fato de que é necessário testemunhar, falar, superar o mutismo para que o acontecido não deixe de existir.



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

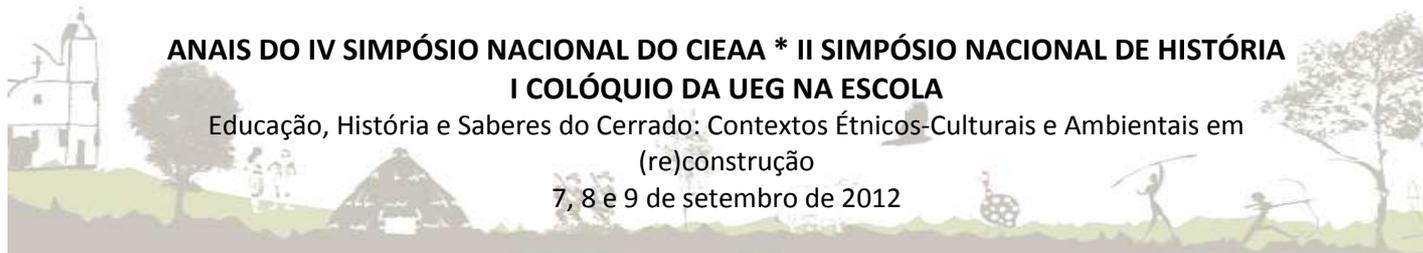
As Experiências da Guerra Entrelaçadas pelos Fios da Memória

Em seus romances, Mia Couto busca refletir sobre Moçambique após a independência e fundar uma narrativa compromissada com as consequências e com a memória da guerra civil. A elaboração das narrativas dos romances gira em torno da exposição das memórias de um grande trauma nacional. Os discursos constituem lembranças e esquecimentos, instituem recordações por vezes embaraçadas, confusas, dinâmicas, fluidas e fragmentadas.

O fato de o autor nem sempre se remeter a situações que dizem respeito ao tempo da escrita reflete a sua intencionalidade em elaborar uma representação da guerra civil, fundar uma memória do conflito e documentar as experiências do vivido. Essas características não se restringem somente a Mia Couto em Moçambique, não é um caso isolado na história, é muito comum que a literatura como arte da expressão humana seja pioneira em lidar com momentos de contingência. O poder da narrativa literária ameniza dores e torna mais fácil relatar os traumas sociais, já que a história nem sempre está preparada para esse tipo de empreitada. Patrick Chabal (1994) fornece um importante direcionamento ao concluir que, na África, muitas vezes a história é escrita antes pela literatura para depois passar para os manuais históricos.

Lembrar é fundamental para a identidade humana, funda-se nas experiências passadas acumuladas e transformadas durante a vida. Projetar o futuro inclui operações complexas de memória. Assim, não é apenas o vivido que povoa a memória, mas também o imaginado, a perspectiva do futuro e a lembrança do passado. Sem lembranças, perderíamos o sentido do que somos, de quem somos, não seria possível construir o que quer que fosse. O sentido de humanidade está ligado à capacidade de reconhecimento de si mesmo, sem o qual não poderia reconhecer o outro, e os homens não poderiam se reconhecer. A capacidade de lembrar, de rememorar, de sentir saudade, de reviver alegrias e tristezas, de contar aquilo que vivemos. Tudo isso se relaciona ao fenômeno da memória, sem a qual a vida humana não se distinguiria de outra parte da natureza.

Concebo a literatura como espaço de memória. Para tanto, apoio-me no conceito de “lugar de memória” proposto por Pierre Nora (1993), segundo o qual esses espaços (material



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

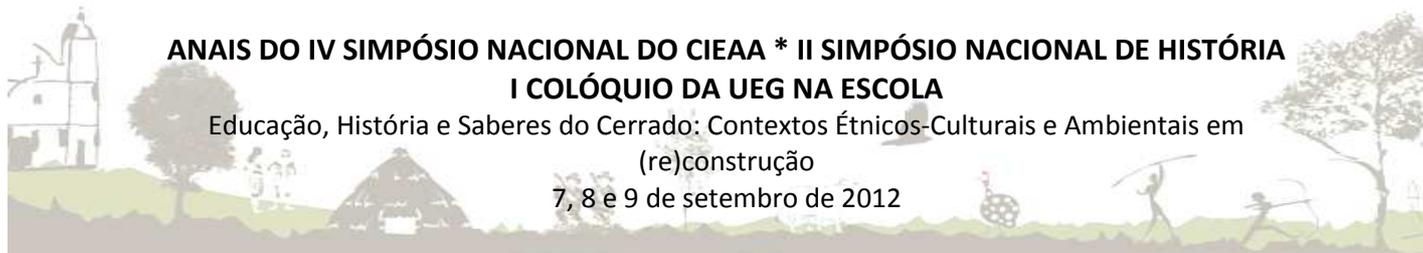
7, 8 e 9 de setembro de 2012

ou simbólico) teriam a função de bloquear o trabalho do esquecimento ao cristalizar e transmitir as lembranças. Ao refletir sobre os lugares de memória, remetemo-nos ao silêncio do Estado em relação à guerra civil moçambicana, que fora tratada pelos governantes como guerra de desestabilização. A memória oficial não se fixa nesse momento histórico, ele é tido como mais uma etapa da história de Moçambique, não se dispensam grandes atenções ao fato. O próprio Estado encabeça um processo de apagamento, de desmemória na sociedade, nada se fala, nada se diz, um silêncio planejado e consentido se instala, a memória da guerra é confiscada. Enrique Serra Padrós, em seu artigo *Usos da memória e do esquecimento*, estabelece o conceito de memória confiscada:

É uma idéia síntese que caracteriza a tentativa de expropriação do passado e a imposição de um novo corpo de valores e idéias que se colocam, conflitivamente, contra a memória e a interpretação do passado anteriormente existente, no sentido de purgá-los e manipulados em benefício do novo poder estabelecido (PADRÓS, 2001, p. 7).

Conforme definiu Pollak (1992), tratar a memória como um dos recursos utilizados como estratégia nas relações de poder, é levar em conta que esquecimento e silêncio não significam ausência de memória, pois só se esquece o que já foi importante registrar. Assim, silêncio e esquecimento são formas controladas de memória, são reveladores de mecanismos de manipulação da memória coletiva. “O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais” (POLLAK, 1989, p.5).

Em todas as obras tomadas como fonte para este estudo, o autor fez referências ao desejo de não lembrar o passado, de não recordar. Mia Couto dá visibilidade aos que sofreram na guerra, dando vida aos personagens e atribuindo a eles características, sentimentos da gente comum que foi maltratada pela guerra. Espinheira pontua que “toda memória revela também o esquecimento. O esquecido é o que não tem nome, é o que está no reino da morte, mas é o que dele retorna quando chamado, nomeado” (1994, p.68). E como um morto, é preciso enterrá-lo. Como explica o personagem “O Tradutor” de *O Último Voo do Flamingo*, “É que



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

preciso livrar-me destas lembranças como o assassino se livra do corpo da vítima” (COUTO, 2005b, p.9).

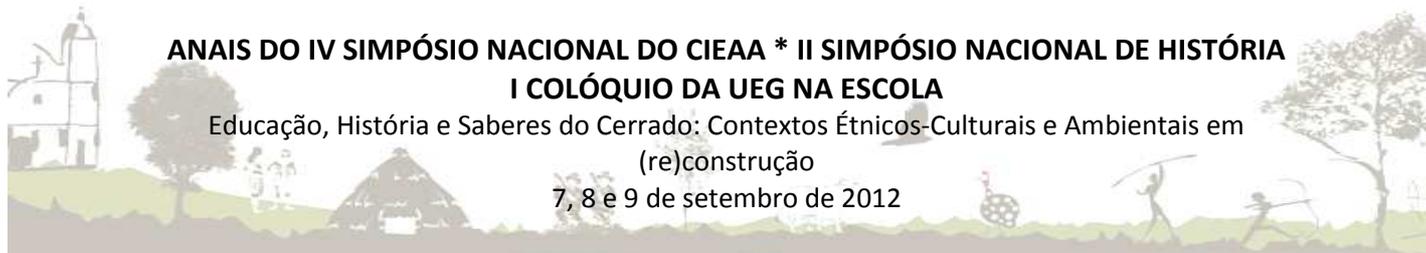
No jogo do lembrar e do esquecer, fica-se entre dois tempos e dois espaços cruzados: o ontem e o hoje; a referência se volta para o vivido e experimentado subjetivamente. Essa polarização nos confronta com a diluição do tempo num paradoxo em que o passado se converte em presença no seio do momento em que a vida deflagra. Tal momento seria traduzido por Benjamin (1994) como um tempo saturado de “agoras”. Parte um do outro, esses pares de elementos se informam e se constituem mutuamente. “Domingos Mourão”, personagem de *A Varanda do Frangipani*, representa a relação conflituosa entre o lembrar e o esquecer, “E agora me deixe só, inspector. Me custa chamar lembranças. Porque a memória me chega rasgada, e em pedaços desencontrados. Eu quero a paz de pertencer a um só lugar, eu quero a tranquilidade de não dividir memórias” (COUTO, 2007b, p.53).

O desejo do esquecimento também está presente em *Terra Sonâmbula*, o lembrar é tido como uma ação dolorosa. A lembrança figura como uma espécie de maldição da qual todos querem se libertar. O próprio “Muindinga”, um dos personagens centrais não tem memória, não se lembra de nada de sua vida. A explicação para essa falta de recordação é dada pelo “velho Tuahir”, que acompanha o garoto em sua permanente busca, da seguinte maneira:

O miúdo tinha sido levado ao feiticeiro. O velho lhe pedira para que tudo fosse retirado da cabeça dele.

– Pedi isso por causa é melhor não ter lembrança deste tempo que passou. Ainda tiveste sorte com a doença. Pudeste esquecer tudo. Enquanto eu não, carrego esse peso... (COUTO, 2007a, p.125).

Negar a realização do trabalho de lembrança, optando entre lembrar e não querer contar, querer lembrar e não poder contar, lembrar e optar por não dizer, recordar para si e não para o outro, ou não poder recordar, é criar uma amnésia individual ou coletiva, ocultando ou escondendo lembranças, traumas, impressões. Em contextos nos quais as experiências são críticas e traumáticas, verifica-se, no sujeito, a capacidade de atribuir às imagens um lugar próprio, em que as recordações ficam mergulhadas entre os silêncios e os esquecimentos da



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

memória. Pensar nesse tipo de ação dos sujeitos é reconhecer que memória, esquecimento e silêncio são indissociáveis, e que operam no caráter de seleção e manipulação da própria memória.

Em outras passagens de *Terra Sonâmbula*, precisamente no início e no final dos cadernos que “Kindzu” escreve, e que acompanham a viagem do menino “Muindinga”, que todas as noites lê aquelas páginas cheias de testemunho e lembranças, existe uma tentativa de registrar uma memória na ânsia de se libertar dela. A escrita em si é uma forma de purgação, é por meio dela que o personagem deseja se livrar do peso do vivido. O menino escreve para que questões mal resolvidas do passado não sejam esquecidas e de alguma forma sejam resolvidas. Nos trechos que se seguem, escritos por “Kindzu” em seus cadernos, essa intencionalidade é bem evidente.

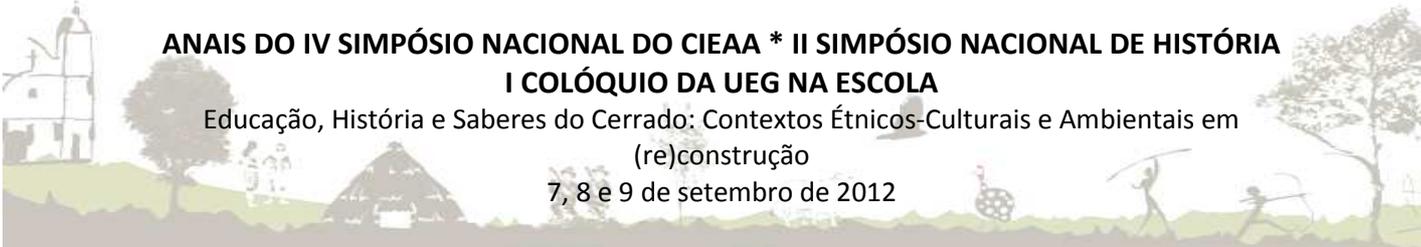
Quero por os tempos em sua mansa ordem, conforme esperas e sofrências. Mas as lembranças desobedecem, entre a vontade de serem nada e o gosto de me roubarem do presente. Acendo a estória, me apago a mim. No fim desses escritos, serei de novo uma sombra sem voz”. (COUTO, 2007a, p.15).

Não quero lembrar nada [...]

É isso que desejo: me apagar, perder voz, desexistir. Ainda bem que escrevi, passo por passo, esta minha viagem. Assim escrita estas lembranças ficam presas no papel, bem longe de mim. (COUTO, 2007a, p.199-200)

Nos romances, a memória é uma estratégia narrativa que, por um lado, estrutura o texto com artifícios que “recuperam” a história; por outro, joga com o esquecimento, com o não pertencimento. Se o passado, mesmo se tocando em seus traços concretos, não pode ser recuperado, ele pode ser imaginado, silenciado ou projetado tanto quanto o futuro, que nas negociações com o presente cria novas temporalidades.

Recoberto de significações novas que interagem constantemente com a experiência vivida, o passado se apresenta como uma referência de diálogo com os erros e acertos do passado, que não se extingue em julgamento ético ou moral. A memória dos personagens se organiza em torno da restauração de um espaço para sonhar, para criar um mundo que ainda



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

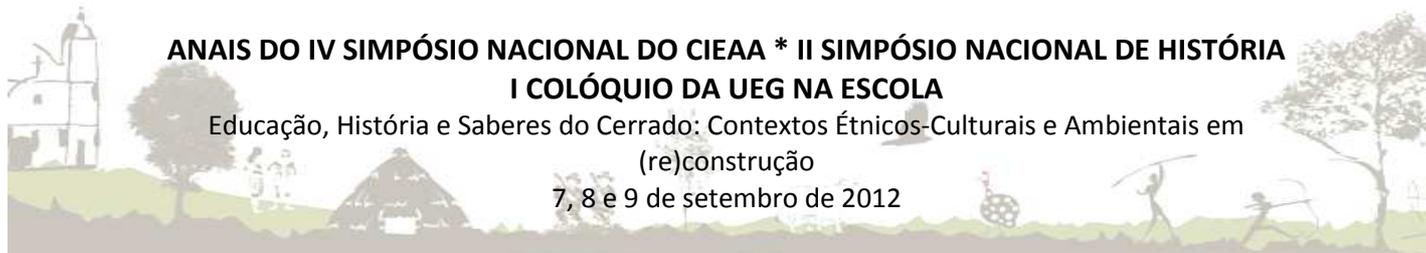
não existe. Algumas experiências não deixam sinais materiais, mas sim lembranças, sentimentos e traumas. Então a memória precisa ser traduzida. Traduzir a memória implica visitar o passado, muitas vezes inventá-lo e mesmo traí-lo. A memória deixa de ser uma construção somente voltada para o passado e passa a ser uma construção contaminada pelos sentidos do presente.

O autor ao resgatar memórias, traz referências que se localizam na fronteira entre história e mito. Mia Couto nos fala dos Naparamas, figuras que fazem parte da parte do imaginário da guerra civil. Consistem, nos verdade, em homens que se reuniram para lutar no conflito em favor da população civil, não tomaram parte nem da RENAMO, nem da FRELIMO, qualquer um dos soldados dessas frentes, seja de um lado seja do outro, era considerado inimigo. Os Naparamas fazem parte do imaginário coletivo do povo moçambicano, algumas pessoas chegam a duvidar da verdadeira existência desse grupo. A melhor definição de quem seriam os Naparamas foi oferecida pela própria descrição literária de Mia Couto:

Eram guerreiros tradicionais, abençoados pelos feiticeiros, que lutavam contra os fazedores da guerra. Nas terras do Norte eles tinham trazido a paz. Combatiam com lanças, zagaias, arcos. Nenhum tiro lhes incomodava, eles estavam blindados, protegidos contra balas (COUTO, 2007a, p.26).

Em *Terra Sonâmbula* é o sonho de se tornar um desses guerreiros que conduz o jovem “Kindzu” à sua viagem. Cansado das injustiças, sai de sua vila e inicia uma jornada de errância pelo país em busca dos Naparamas. Em sua jornada o garoto se depara com os horrores provocados pelos conflitos e torna-se testemunha deles. Marina Padrão Temudo, em seu artigo *Campos de batalha da cidadania no Norte de Moçambique*, faz uma breve menção aos Naparamas, mostrando como a organização desse grupo descentraliza a questão da referência ao mágico, muito usada pela RENAMO:

O monopólio da “guerra dos espíritos” detido pela RENAMO e a sua auto-atribuída superioridade mágica foi finalmente desafiada com a criação dos Naparamas. A suposta invencibilidade deste grupo independente de



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnico-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

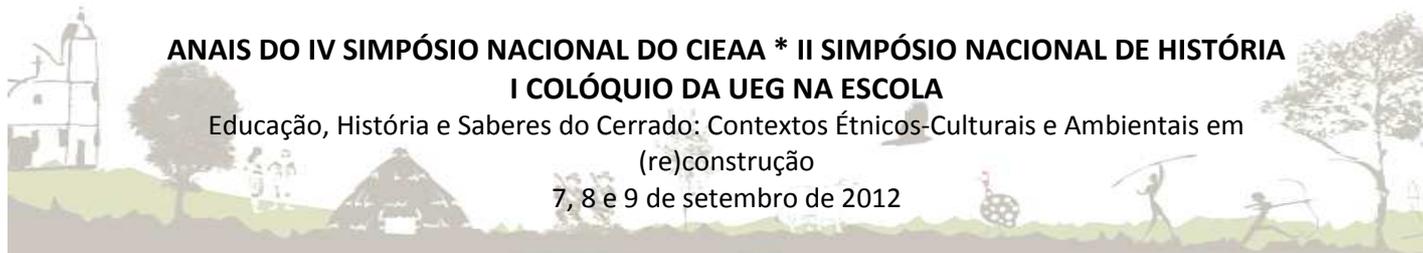
agricultores - que lutava apenas com armas brancas, como catanas – resultava de um ritual de vacinação que os protegia contra as balas (TEMUDO, 2005, p. 35).

Outro bom exemplo que se pode destacar em relação à visão particular que a literatura proporciona diz respeito aos refugiados de guerra, aos campos de acolhimento e à situação desoladora que as pessoas enfrentavam nesses locais. Mais uma vez é *Terra Sonâmbula* que proporciona essa apreciação. A própria história inicia com o “velho Tuahir” e o garoto “Muindinga” saindo de um campo de refugiados. Os deslocados de guerra são retratados pelo autor como sujeitos perdidos no tempo, sem referencial e com pouca esperança, usados como massa de manobra pelos políticos locais.

Naquele lugar, a guerra tinha morto a estrada. [...] aqui o céu se tornara impossível. E os viventes se acostumaram ao chão, em resignada aprendizagem da morte [...] A estrada que agora se abre a nossos olhos não se entrecruza com outra nenhuma. [...] Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada. Andam bambolentos como se caminhar fosse seu único serviço desde que nasceram. Vão para lá de nenhuma parte, dando o vindo por não ido, à espera do adiante. Fogem da guerra, dessa guerra que contaminara toda a terra (COUTO, 2007a, p.9).

No sexto caderno do romance, quando “Kindzu” sai do barco e retorna para a vila de Matimati em busca do filho de “Farida”, ao se aproximar do lugarejo constata surpreso que aquele era um local pequeno e que as casas estavam mais inteiras do que as da sua vila. O personagem observa um grande aglomerado de pessoas e reflete: “Havia, no entanto, excessivos de refugiados. Dormiam nas ruas, nos passeios. Por todo o lado, se viam corpos estendidos, esteirados ao sol” (COUTO, 2007a, p. 104). Essa passagem expõe um dos grandes dramas da guerra que foi deslocamento das populações das áreas rurais em direção às cidades em busca de proteção.

Os campos de refugiados, efetivamente, também estão representados em *Terra Sonâmbula*. É “Kindzu”, que estava em busca de “Euzinha”, tia de “Farida”, quem apresenta esse triste lugar, onde as pessoas abandonavam suas casas, famílias, terras e vidas e passavam a viver para se protegerem dos ataques das forças rivais. Fugiam dos soldados que



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

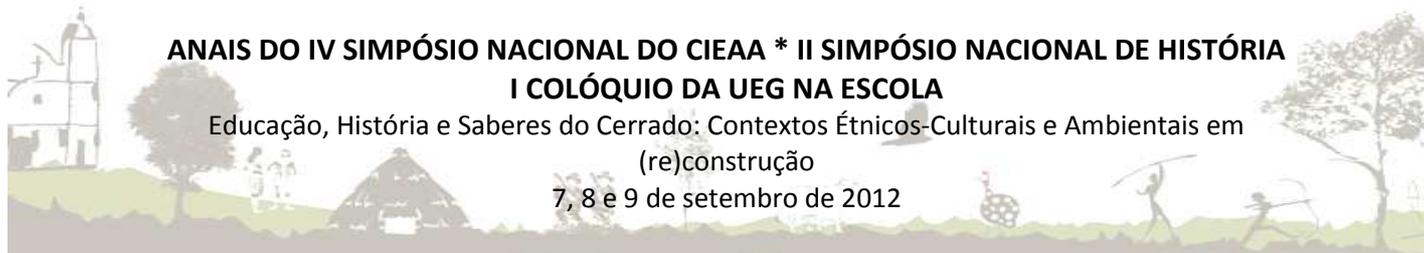
incendiavam as casas, destruíam celeiros, roubavam os animais, matavam os homens e sequestravam as crianças. Na história de Mia Couto, o jovem descreve o campo de refugiados da guerra da seguinte maneira:

“De facto era coisa de pasmar a tristeza. O Centro se espalhava como ruínas da própria terra, castanhas da cor do chão. Aquela gente dormia ao relento, sem manta, sem côdea, sem água. Se cobriam com cascas de árvores, vegetantes cheios de poeira.” (COUTO, 2007a, p.182).

“Kindzu” continua com o relato de suas impressões sobre os campos de refugiados, observando que à noite “Ninguém dormia nas casotas. Todos se encaminhavam para buracos escavados nos arredores do campo. As casotas eram um disfarce para desviar a atenção dos salteadores” (COUTO, 2007a, p. 185). “Este campo de refugiados costumava ser atacado. Os bandidos sempre raptavam as crianças” (COUTO, 2007a, p. 184). Esse ambiente, aos olhos do jovem, era um lugar de tristezas e escuridão, onde as pavorosas chagas da guerra se expunham e saltavam aos olhos.

Recorro mais uma vez a Temudo (2005) para refletir sobre a questão dos refugiados de guerra, apresentada por Mia Couto. A estudiosa alerta para o fato de que tanto a RENAMO como a FRELIMO controlaram esses campos e que ambos eram atacados pelos exércitos opostos. O cenário era desolador, os indivíduos de diferentes grupos sociais tinham que dividir um pequeno espaço, e não havia qualquer condição para sua auto-sustentabilidade. O resultado foi a fome e a proliferação de diversas doenças, contribuindo ainda mais para os já elevados índices de mortalidade. A autora ainda fala das condições de vida dessas pessoas.

Durante a guerra vestiam-se com fibras de casca de árvores – como nos tempos “antigos” -, que também são usadas como recipiente no armazenamento das leguminosas de grão e do arroz. Nas palavras de um agricultor da FRELIMO, que uma vez observou a chegada de um grupo de “recuperados” (gente capturada pelo exército durante as *raids*) à cidade de Cuamba: “estavam vestidos com cascas de árvores e tão sujos que nem pareciam gente – estavam à maneira” (TEMUDO, 2005, p. 41).



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

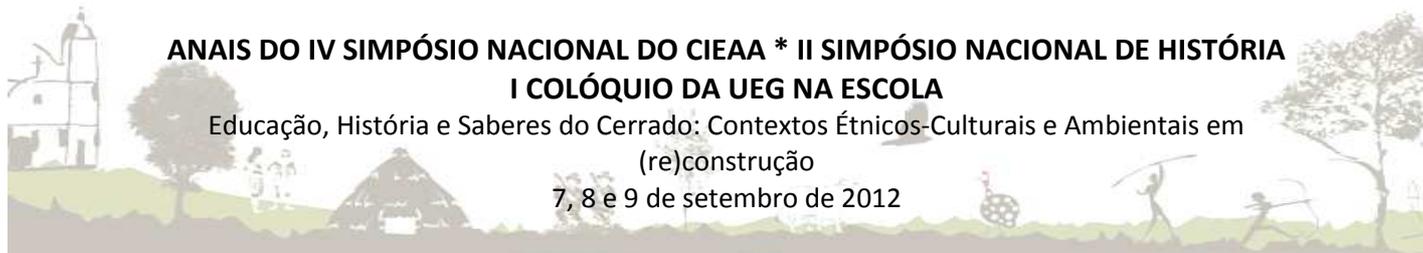
7, 8 e 9 de setembro de 2012

O fim da guerra civil, em 1992, não denotou o fim dos problemas enfrentados pela população em geral em decorrência do confronto. A economia havia sofrido uma acentuada regressão, principalmente pela inviabilidade da prática da agricultura em muitos campos, já que as populações tinham fugido do confronto, ou porque as terras estavam cheias de minas. A infraestrutura do país também estava comprometida. Portos, pontes, estradas, linhas de ferro, que consistiam um dos principais mecanismos de chegada aos portos para exportação, foram destruídos pelas minas ou interditados pelo perigo de sua existência.

As minas foram utilizadas tanto pelo governo da FRELIMO como pelos rebeldes da RENAMO em zonas como quartéis militares, cidades e aldeias, fontes de água ou eletricidade, linhas de alta tensão e barragens, assim como em estradas, caminhos e trilhos, nos arredores das pontes e linhas ferroviárias. Muitas das minas em Moçambique foram colocadas ao redor de pontes e túneis para evitar que fossem atacadas por pessoas com a intenção de os fazer explodir (LANDMINE, 2000, p. 4).

As minas certamente foram, e é, um dos mais graves problemas enfrentados por Moçambique no pós-guerra civil. Foram espalhadas por todo o território desde a guerra colonial, acentuando-se na guerra civil, contudo não há mapas com a localização exata desses artefatos, o que torna o processo de retirada desse material bélico mais difícil, expondo a sociedade civil aos perigos de explosão. As maiores vítimas dessas armas são pessoas que vivem na zona rural, especialmente as crianças. O processo de desminagem iniciado logo após o fim dos conflitos tem-se realizado lentamente. Isso deve em parte à falta de recursos nacionais e mão de obra especializada, fazendo com que o programa dependa quase exclusivamente de ajuda financeira e de especialistas internacionais para executar os projetos. Outro fator que contribui para a morosa desminagem é a corrupção, que desvia as verbas dos programas.

A problemática que envolve as minas está presente em *A Varanda do Frangipani*. A história se passa em uma antiga fortaleza colonial, transformada em asilo, cercado, de um lado, por rochas junto ao mar, e do outro, rodeado de minas, ninguém podia entrar ou sair a não ser de helicóptero. A situação isolava os velhos da sociedade, criava um mundo paralelo,



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

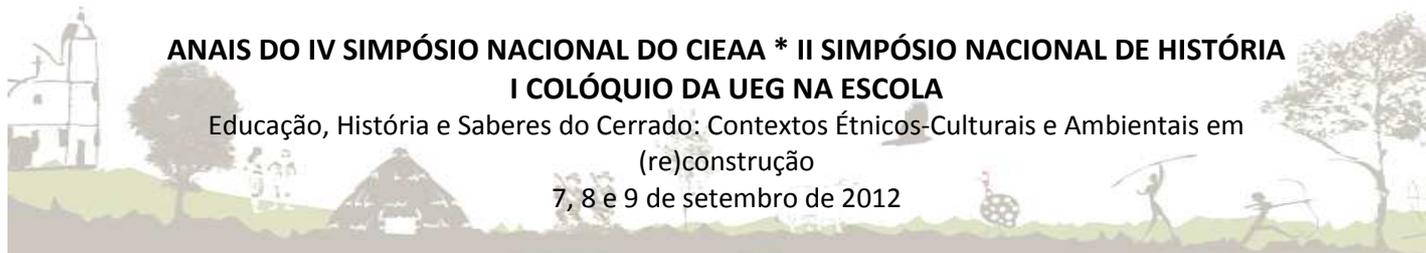
7, 8 e 9 de setembro de 2012

simbolizando o lugar de esquecimento que os antigos ocupam nessa sociedade. Por outro lado, servia de refúgio, de proteção de uma sociedade que já não valoriza o velho nem o mundo que ele representa. “A paz se instalara, recente, em todo o país [...] A fortaleza permanecia ainda rodeada de minas e ninguém ousava sair ou entrar. [...] só a velha Nãozinha, [...] mas ela era tão sem peso que nunca poderia acionar um explosivo.” (COUTO, 2007b, p. 20).

Mas é certamente em *O Último Voo do Flamingo* que a difícil situação das minas em Moçambique aparece de maneira mais clara. O enredo é construído a partir de explosões que matam soldados da ONU. O romance representa a vida de uma comunidade totalmente condicionada pela possibilidade de os explosivos serem acionados. Passam a conviver com a restrição dos lugares por onde ir ou os que devem evitar, aprendem a pisar em terras onde as minas foram “semeadas”. Afinal, como reflete o personagem “Temporina”, “Saber pisar nesse chão é assunto de vida ou morte” (COUTO, 2005b, p.68). Em entrevista a Jonas Furtado da Isto É Independente Mia Couto faz a seguinte declaração sobre o problema das minas em Moçambique:

Circulo pelas zonas rurais e esse terror de algum dia pisar em uma mina está presente de maneira intensa. Sei o que é ter esse medo. Nós não sabemos exatamente quantas minas terrestres ainda temos. Mas o número oficial provavelmente é maquiado, porque a desminagem é um negócio (COUTO, 2006c, p.4).

Em tom de crítica, ao revelar o desmantelamento do “negócio da desminagem” que desviava as verbas destinadas a esse fim, o autor, a partir da voz do “padre Muando”, considera que a morte dos soldados da ONU tenha desmontado o esquema devido ao fato de que “Se atraíram atenções indevidas. A verdade das minas pedia provas de sangue nacional. Nada de hemorragias transfronteiriças” (COUTO, 2005b, p. 196). Em outra passagem do mesmo romance, está presente mais um relato de morte provocada pelo acidente com uma mina: “O moço explodira. Desta vez, porém, era uma explosão real, dessas a que a guerra já antes nos havia habituado. Tão simples quanto cruel: o moço pisara uma mina e suas pernas se separaram do corpo como um esfarrapado boneco de trapos” (COUTO, 2005b, p. 143).



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

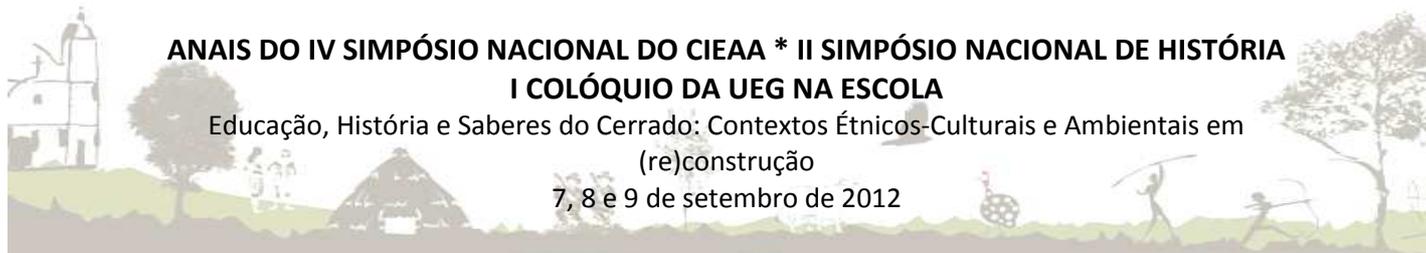
7, 8 e 9 de setembro de 2012

O Último Voo do Flamingo nos proporciona também uma crítica à atuação das forças de paz da ONU em Moçambique, após o fim da guerra civil. A preocupação de Mia Couto nessa narrativa não está no desempenho militar dos soldados, mas na forma como eles se relacionam com a população local. Seu olhar reprovador está direcionado para o espírito de opulência dos militares diante dessa população local. “Já tinham chegado os soldados das Nações Unidas que vinham vigiar o processo de paz. Chegaram com a insolência de qualquer militar. Eles, coitados, acreditavam serem os donos de fronteiras, capazes de fabricar concórdias.” (COUTO, 2005b, p. 10).

A questão da incompreensão das culturas locais também é tratada por Mia Couto, a partir da figura do inspetor italiano da ONU, que chega a Tizangará para investigar a explosão de soldados que estavam atuando na missão de paz. É necessário que um tradutor de mundos o acompanhe, pois ele não compreende aquelas pessoas e suas crenças. Nada faz sentido para um homem que tenta compreender as particularidades locais com um olhar ocidental. A certa altura do romance, o investigador desabafa: “Eu posso falar e entender. Problema não é a língua. O que eu não entendo é este mundo aqui” (COUTO, 2005b, p. 40).

Pode-se pensar que esse tradutor de *O Último Voo do Flamingo* opera a partir do sentido de tradução cultural conceituado por Bhabha (1998). Ele, sendo um sujeito híbrido, pós-colonial, está inserido numa dimensão cultural marcada pelos deslocamentos, são incompreensíveis para o outro, no caso o italiano. A falta de domínio dos sistemas de referência da cultura que estão imersos apavora o estrangeiro, pois ele não consegue transcender a sua própria perspectiva cultural, e acaba por estabelecer um juízo de valor ao tomar o outro com incompreensível.

É interessante perceber que Mia Couto não representa, em nenhum momento do livro, qualquer tipo de estranhamento da comunidade local quanto ao estrangeiro. Quando algum personagem faz uma referência ao estrangeiro, quase sempre é de maneira irônica ou a partir de uma conversa “pedagógica” em que se pretende ensinar o “outro” sobre o “eu”. Esse fato nos remete a Frantz Fanon (2005), quando argumenta sobre a relação irônica estabelecida entre o colonizador e o colonizado.



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

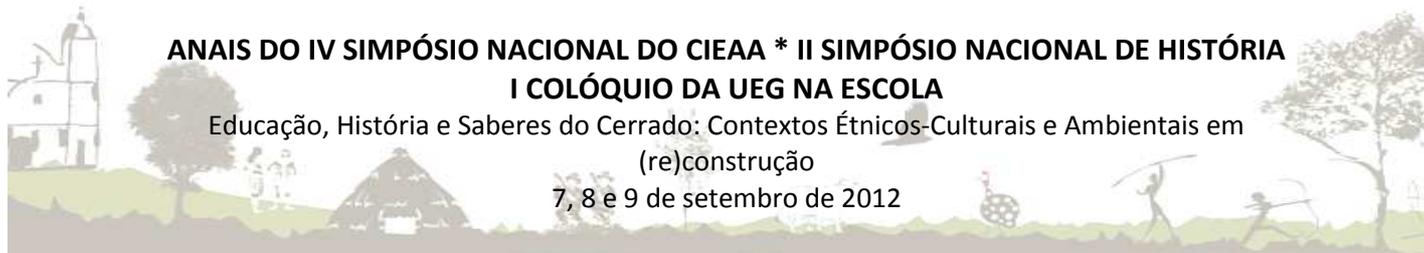
7, 8 e 9 de setembro de 2012

As críticas do autor são ainda mais enfáticas em relação ao envolvimento pessoal dos soldados com as mulheres das comunidades locais. Denuncia o fato de que muitas ficaram grávidas e foram deixadas para trás, tendo de criar os filhos por conta própria. O repúdio a tal situação é claramente manifestado na obra. No romance, o único órgão que fica intacto com a explosão dos soldados é o pênis. O órgão sexual masculino é a única prova dos crimes o que aumenta o mistério da narrativa, afinal, porque só ele e o capacete da ONU permanecem no local das explosões. O feiticeiro da localidade, “Zeca Andorinho”, dá uma explicação ao inspetor para os motivos da feitura de um suposto feitiço que fazia os soldados explodirem:

Fazia esse feitiço por encomenda dos homens de Tizangara. Ciúmes dos locais contra os visitantes. Inveja de suas riquezas, ostentadas só para fazer suas esposas tontarem. Carecia-se de castigo contra os olhares compridos dos machos estrangeiros. Sobretudo, se fardados de soldados das Nações Unidas (COUTO, 2005b, p.146).

Alguns dos assuntos até aqui tratados nos remetem ao tempo da guerra e ao sofrimento da população que se encontrava em meio aos tiros cruzados de duas forças inimigas. Muitos dos dados apresentados padecem de maior aprofundamento, estudo, e pesquisa. Para muitas das questões que eu gostaria de tratar, não encontrei referências em trabalhos de ciências humanas, como por exemplo, a convivência entre os soldados da ONU e a população local. Esses indícios só foram encontrados por mim nos romances. Mais uma vez a literatura opera historiograficamente, não deixando o ocorrido se apagar, apontando para outras possibilidades, outros objetos de investigação.

É importante ressaltar o papel fundamental da Organização das Nações Unidas (ONU) para o início da paz em Moçambique. Sua presença foi fundamental em um ambiente onde as desconfianças eram recíprocas. No relatório do tenente-coronel Carlos Alberto de Moraes Cavalcanti, publicado pelo Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI), consta o papel da ONU no processo de democratização e paz em Angola e Moçambique. Tece informações no que tange às especificidades da operação em cada país, os sucessos e



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

insucessos, as dificuldades e o temor diante da ameaça de um retorno às armas. No caso específico de Moçambique, ele analisa a participação da ONUMOZ³³ da seguinte maneira:

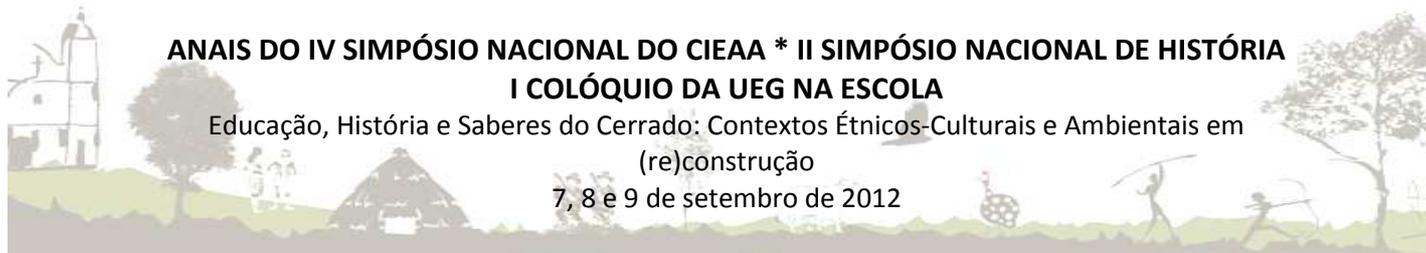
Em Moçambique, a operação de paz da ONU (ONUMOZ) atuou no período 1992-94. Monitorou e verificou todo o processo eleitoral e proveu o necessário apoio logístico. As eleições foram conduzidas ordeira e pacificamente. A desmobilização das tropas governamentais da Frente de Libertação Moçambicana (FRELIMO) e da guerrilha, Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), foi substancialmente concluída. O acordo geral de paz assinado pelos líderes moçambicanos da FRELIMO e da RENAMO, em 1992, sob supervisão da ONU, e implementado pelas Forças de Paz, orientou um ordenado final para a guerra. O desarmamento dos soldados da RENAMO, a integração de ambos os exércitos em um único e o sucesso das eleições, merecem destaque (CAVALCANTI, 2007, p. 4).

O autor ao tecer sua narrativa, busca, no momento da escrita, as representações da guerra, e a partir delas cria substâncias para edificar sua história, para torná-la plausível, imaginável. O autor concebe seu romance a partir da memória do que passou, mas também projeta um futuro e reflete um presente. Sua obra assume aspectos de denúncia ao apontar erros, dessacralizar heróis, por em xeque modelos de governo e políticos envolvidos em corrupção.

Mia Couto aponta realidades históricas em meio à sua criação ficcional, sua literatura torna-se um monumento à memória da guerra e a seus desdobramentos. Luta contra os esquecimentos e parte em busca do que está silenciado, recalcado, e alerta para o porvir. Mas ela é também instrumento de denúncia, de alarde, para que mais uma vez o acontecido seja visto e lembrado. Nesse sentido, os romances tomados para estudo são construídos também como formas de revelar as injustiças que acometeram toda sociedade. São espaços onde a voz da denúncia muitas vezes se faz presente.

A questão torna-se muito explícita nas três obras: *Terra Sonâmbula*, *A Varanda do Frangipani* e *O Último Voo do Flamingo*. Apesar de as narrativas fazerem referência a momentos diferentes (a guerra em curso, a transição, o pós-guerra), elas são estruturadas em

³³ Nome dado às tropas responsáveis pelo processo de paz em Moçambique.



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

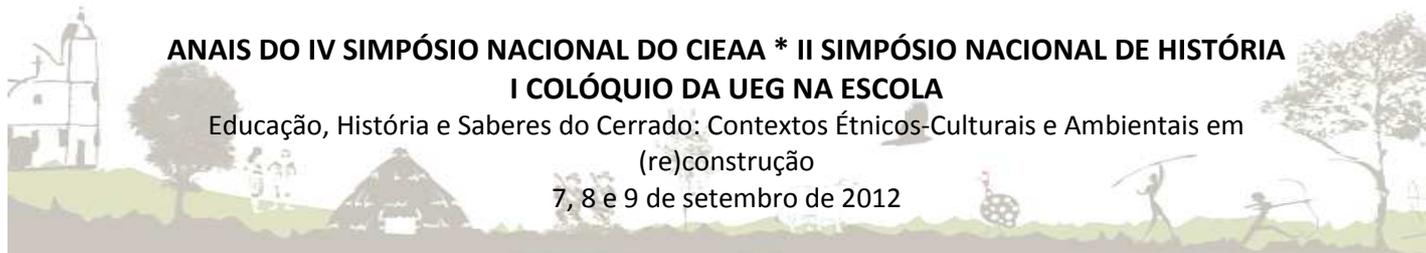
7, 8 e 9 de setembro de 2012

torno de histórias de personagens que sofrem pelo descaso e pela corrupção que assola o país e as autoridades. As críticas são dirigidas aos que fazem a guerra, aos que controlam os governos e aos que deveriam fazer a paz.

Em *Terra Sonâmbula* o aspecto de denúncia não é observado somente quanto aos governantes. Mia Couto toca no assunto muito sensível, que é o desprezo e a intolerância racial aos estrangeiros. Essa prática foi muito comum em Moçambique no pós-independência, agravada na guerra civil. No romance citado a questão é tratada em dois momentos: primeiro, quando o pastor e professor Afonso, português é assassinado e sua escola queimada. Posteriormente, o personagem Surendra, comerciante indiano amigo de Muindinga, é constantemente espezinhado pela comunidade local, que o chamava pejorativamente de monhé. Ele e sua esposa são retratados em situações humilhantes. Essa situação se deve ao fato de que dentro do contexto de uma sociedade pós-colonial os indivíduos passam a associar o outro, o estrangeiro, com o sistema e o identificam como um explorador.

As maiores acusações presentes nos romances são direcionadas aos políticos e administradores. Eles foram retratados em *Terra Sonâmbula* pelo personagem “Estévã Jonas”, administrador local que desviava os donativos enviados aos refugiados e os revendia depois. Além disso, ele só distribuía o pouco que restava depois de uma cerimônia oficial, que tinha como fim a autopromoção. Na história, “Kindzu” se surpreende com a miséria dos campos de refugiados apesar de haver comida estragando: “Os bichos vazavam o armazém com gulas de gigante. Como era possível? Tanto alimento apodrecendo ali enquanto morriam pessoas às centenas no campo?” (COUTO, 2007a p. 188).

Um dos grandes problemas que não se enfrentou de maneira objetiva em Moçambique após o fim da guerra foram os depósitos de armas, que, posteriormente, caíram nas mãos de criminosos por todos os países vizinhos. Em *A Varanda do Frangipani*, evidencia-se a corrupção a partir do tráfico de armas remanescentes da guerra civil. Toda a narrativa gira em torno da morte do administrador de um asilo, “Vasto Excelência”, que é assassinado misteriosamente. No final das investigações, o policial responsável, “Izidine Naíta”, descobre que o morto estava envolvido com a venda ilegal de armas, e usava o asilo como depósito. “Excelência escondia armas, sobras da guerra. [...] Até que, um dia, o helicóptero voltou.



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

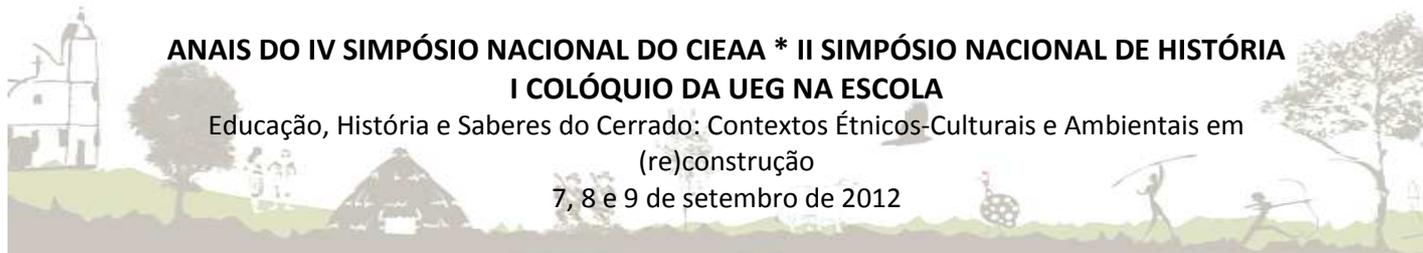
7, 8 e 9 de setembro de 2012

Vinha buscar armamento. Um grupo de homens fardados desceu do helicóptero e foi ao armazém. [...] passados nem momentos, se ouviram os tiros. Tinham morto Excelêncio.” (COUTO, 2007b, p.1 36-137).

Em *O Último Voo do Flamingo*, a polêmica sobre o desvio de verbas permanece, o administrador “Estévan Jonas” reaparece na figura de um corrupto: “[...] O administrador Jonas tinha desviado o gerador do hospital para seus mais privados serviços. Dona Ermelinda, sua esposa, tinha vazado os equipamentos públicos das enfermarias: geleiras, fogão, camas” (COUTO, 2005b, p. 18). Porém a questão mais enfatizada por Mia Couto nesse romance é a denúncia do desvio de dinheiro destinado à desminagem de Moçambique. A narrativa, que parte da morte de soldados da ONU em misteriosas explosões, acaba por revelar uma rede de corrupção.

Parte das minas que se retiravam regressava, depois, ao mesmo chão. Em Tizangara tudo se misturava: a guerra dos negócios e os negócios da guerra. No final da guerra restavam minas, sim umas tantas. Todavia não era coisa que se fizesse prolongar tanto os projetos de desminagem. O dinheiro desviado desses projetos era fonte de receita que os senhores locais não podiam dispensar. [...]. Umhas mortes à mistura até calhavam, para dar mais crédito ao plano. Mas era gente anônima, no interior de uma nação africana que mal sustenta seu nome no mundo. Quem se ocuparia disso? (COUTO, 2005b, p. 196).

A corrupção envolvendo os projetos de desminagem é apenas uma página da complexa rede de desvio de dinheiro em Moçambique. Um relatório produzido pela Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID) analisa o nível de crescimento, as formas e os setores onde a corrupção se instalou em Moçambique desde 1992. Esse relatório numera os principais setores que sofrem com essa prática, como saúde, educação, alfândegas, judiciário, executivo, legislativo, inspeções, partidos políticos. Aponta também os principais fatores que propiciariam a corrupção, dentre eles: domínio de um único partido e falta de controlo e fiscalização; fusão dos interesses políticos e econômicos da elite; norma jurídica limitada e impunidade por comportamento corrupto; crime organizado; falta de



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

transparência e de acesso à informação; mecanismos de responsabilização inadequados; burocracia politizada e ineficaz; e legado social, com a ausência de uma cultura democrática.

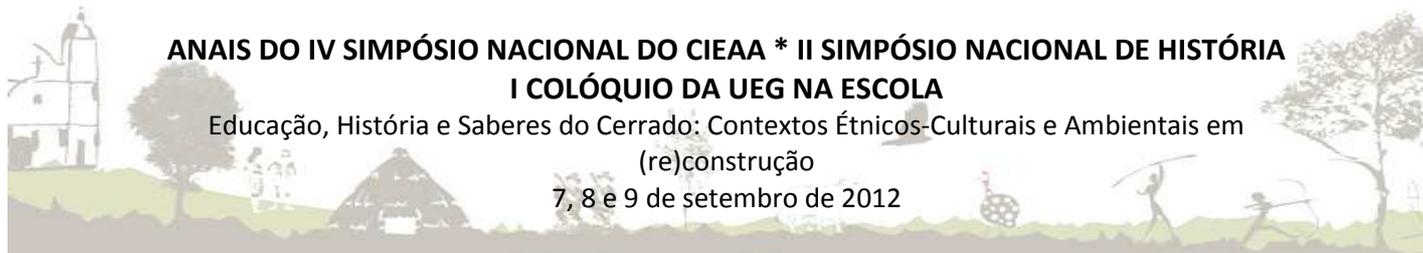
O nível e o âmbito da corrupção em Moçambique atingiram níveis alarmantes e potencialmente representa um risco para a governação democrática nascente no país. A corrupção é tão endêmica que se tornou norma para os cidadãos e homens de negócios, os quais a toleram para conseguir que os assuntos sejam resolvidos e ter acesso aos serviços públicos básicos. Os funcionários do Estado de escalão inferior utilizam a corrupção como suplemento das suas magras receitas, enquanto que os funcionários de nível sênior recorrem à corrupção para aumentarem a sua riqueza e fortalecerem o poder político, enquanto que as elites econômicas utilizam-na para consolidarem a sua posição e impedirem a concorrência (FILLES, 2000, p.9).

O relatório prossegue com as seguintes afirmativas:

A corrupção no sector público em Moçambique tem consequências devastadoras na vida econômica, política e social do país. Ela afasta os investidores nacionais e estrangeiros, cria vantagens injustas para alguns e reduz as perspectivas para os pobres. A corrupção constringe a governação democrática, pois mina o processo judicial, desmantela o estado de direito e reduz a prestação de serviços públicos essenciais, em particular para os pobres. Penetra de tal forma no tecido social e cultural do país que parece que os moçambicanos estão resignados a viver com a corrupção penetrante porque não vêem de que forma a podem evitar (FILLES, 2000, p. 9).

Dentro do exposto, pode-se constatar o aspecto transfronteiriço assumido pela literatura de Mía Couto. Os romances se apresentam como espaço de resistência, denúncia, contestação e memória. Com essa afirmativa, não pretendo desconsiderar o principal compromisso desse tipo de narrativa, que está no âmbito da arte, da ficção. Meu intento é mostrar que essas narrativas oferecem muito mais do que o prazer literário. Moçambique e sua história estão estampadas nas páginas desses livros. O intento desse tipo de abordagem é perceber questões muito sensíveis que fazem parte da história da sociedade moçambicana.

A literatura está também direcionada para o presente e o futuro. São espaços discursivos onde o autor projeta expectativas, cria saberes e estabelece uma visão de mundo a partir de sua posição na sociedade. Essa particularidade possibilita uma conexão com os



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

anseios de um dado momento. A guerra civil foi um divisor de águas em relação aos projetos políticos em Moçambique. Ela mudou a sociedade e toda a estrutura de pensamento sobre a nação, sobre a identidade nacional. Essa mudança foi percebida e representada pela literatura da época como representou os romances de Mia Couto.

Referências

CARDOSO, Norberto do Vale. *Autognose e (Des)memória: Guerra colonial e identidade nacional em Lobo Antunes, Assis Pacheco e Manuel Alegre*. Tese de mestrado em Teoria da Literatura e Literatura Portuguesa. 2004.

CHABAL, Patrick. *Vozes Moçambicanas. Literatura e Nacionalidade*. Porto: Veja, 1994.

COUTO, Mia. *É preciso aceitar uma certa morte e renascer um bocado*. In: *Jornal África*, ano V, n. 157, seminário de 18 a 24 de julho de 1990. (p.20-22)

_____. *Mia Couto, Moçambique ou o olhar dos sonhos*. Entrevista concedida a Virgílio de Lemos. *Latitudes* nº 3, julho de 1998

_____. *Mia Couto e o exercício da humildade*. Entrevista concedida a Marilena Felinto. *Folha de São Paulo, Caderno Mundo*, 21 de julho de 2002. Disponível em: www.macua.org/miacouto/miacoutoexerciciodehumildade.html (Acessado em 15/08/2008)

_____. *A escrita é uma passaporte para eu ter outras vidas*. *Adverso*. São Paulo, 1ª quinzena de outubro de 2004a. Disponível em: http://www.adufrgs.org.br/conteudo/sec.asp?id=cont_lista_artigos.asp (Acessado em 26/08/2008).

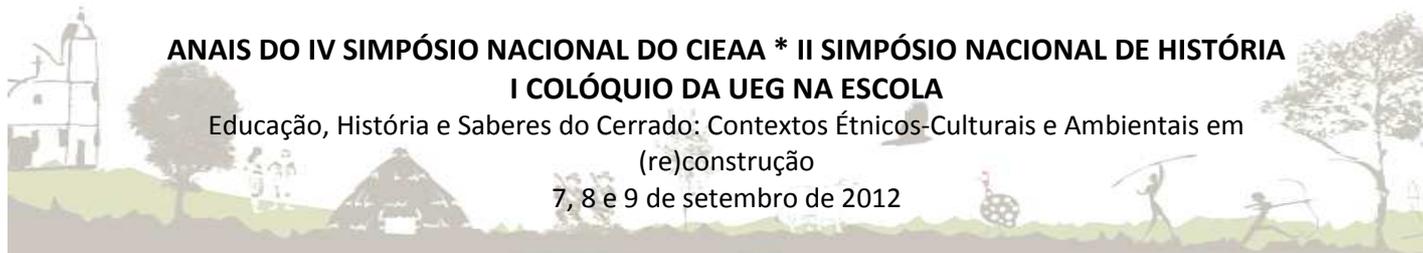
_____. *Crenças e tradições moçambicanas por Mia Couto*. *Moçambique*34, p.58, 2004b.

_____. *A África deixou de ser visível*. *Swissinfo*. 27 de Junho de 2005a. Disponível em: <http://www.swissinfo.ch/por/swissinfo.html?siteSect=105&sid=5877523> (Acessado em 15/09/2008).

_____. *O Último Vôo do Flamingo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005b.

_____. *Pensatempos. Textos de Opinião*. Lisboa: Caminho, 2005c.

_____. *Os sete sapatos sujos. Oração de sapiência na abertura do ano lectivo no ISCTEM*. Março de 2005d. Disponível em:



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

<http://www.macua.org/miacouto/MiaCoutoISCTEM2005.htm>. (Acessado em 18/03/2008)

_____. *O coração de Moçambique*. Gazeta do povo: Caderno G. 25 de junho de 2006a. Disponível em

<http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/cadernog/conteudo.phtml?tl=1&id=575902&tit=O-coracao-de-mocambique> (Acessado em 15/03/2008)

_____. *Mia Couto revisitado*. Digestivo Cultural. 14 de setembro de 2006b. Disponível em:

<http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=2047>.

(Acessado em 10/03/2008)

_____. *Não a reforma ortográfica*. Entrevista concedida a Jonas Furtado. Isto é Independente, 26 de Setembro de 2006c. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/edicoes/1978/artigo62007-1.htm> (Acessado em 25/06/2008).

_____. Entrevista realizada pelas Professoras Tânia Macedo e Rita Chaves com o escritor Mia Couto na Rádio USP apresentada em 14/08/2006d.

Disponível em: <http://www.radio.usp.br/programa.php?id=2&edicao=060814>

_____. *Terra Sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007a.

_____. *A Varanda do Frangipani*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007b.

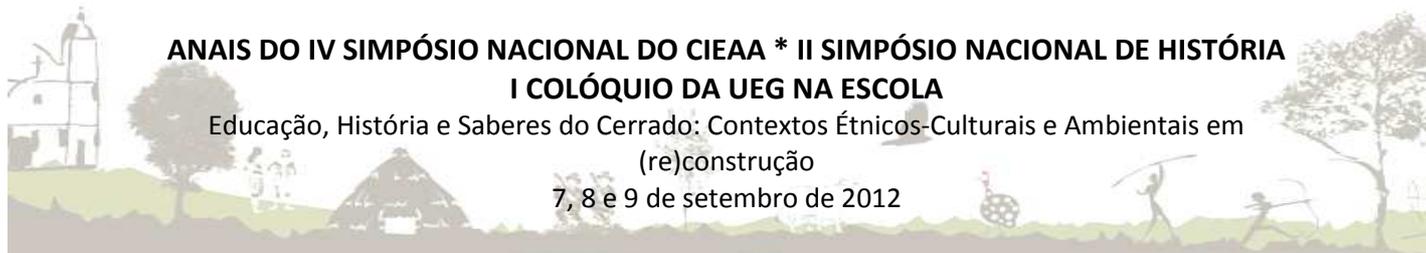
_____. *Sou um Poeta que conta histórias*. Circulo de Leitores. 20 de Março de 2007c. Disponível em: www.circulodeleitores.pt. (Acessado em 10/03/2008).

_____. *Escrita Falada*. In. *Discutindo Literatura*. São Paulo, Ano 3. nº 16, 10-13, 2008.

_____. Mia Couto, o poeta que escreve histórias. Entrevista concedida a Miriam Sanger. In: *Revista da Cultura*. Fevereiro de 2009. Edição da Cultura. nº edição 19. 2009. Disponível em:

http://www2.livrariacultura.com.br/culturaneuws/rc19/inc_comum/revista_cultura_site_19.pdf (Acessado em 15/03/2009)

MACÊDO, Tânia e MAQUÊA, Vera. *Literaturas de Língua Portuguesa: Marcos e Marcas – Moçambique*. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

NORRA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: *Projeto história: revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo* n. 17. São Paulo: EDUC, 1998.

PADRÓS, Enrique Serra. *Usos da memória e do esquecimento na História*. Letras, n. 22. Literatura e Autoritarismo. PPG-Letras, UFMS, 2001.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p. 3-15.

_____. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p. 200-212.

TEMUDO, Marina Padrão. *Campo de Batalha da Cidadania no Norte de Moçambique*. Caderonos de Estudos Africanos; n. 7-8, Julho 2004/ Julho 2005.